

temas de economia aplicada



A Petrobrás e a Queda do PIB em 2015

CRISTINA FRÓES DE BORJA REIS (*)

Na segunda quinzena de 2016, o Fundo Monetário Internacional (FMI) anunciou estimativa de queda no Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil em 2015 de 3,8%, sendo a previsão para 2016 de -3,6%. Segundo o relatório do FMI, a incerteza política tem contribuído para a crise, relacionada sobretudo aos desdobramentos das investigações da Operação Lava-Jato. Como justifica o Fundo, o corte de investimentos da petroleira, e pode-se afirmar também que das grandes empresas relacionadas às denúncias de corrupção, tem sido extremamente danoso para as cadeias produtivas envolvidas. E ainda, do ponto de vista finan-

ceiro, as sucessivas depreciações do Brasil nos mercados internacionais realizadas pelas agências de classificação de risco, como a Fitch, sinalizam nova desvalorização dos ativos brasileiros e lançam oportunidades de especulação para investidores internacionais – já de olho nas possibilidades de ganhos no médio/ longo prazo (ver, por exemplo, artigo de Denise Godoy na *Bloomberg*, em agosto de 2015).

O combate à corrupção na Petrobrás é necessário e fundamental para o amadurecimento das instituições democráticas. A solução do caso e aplicação da lei devem rapidamente se concretizar para que a

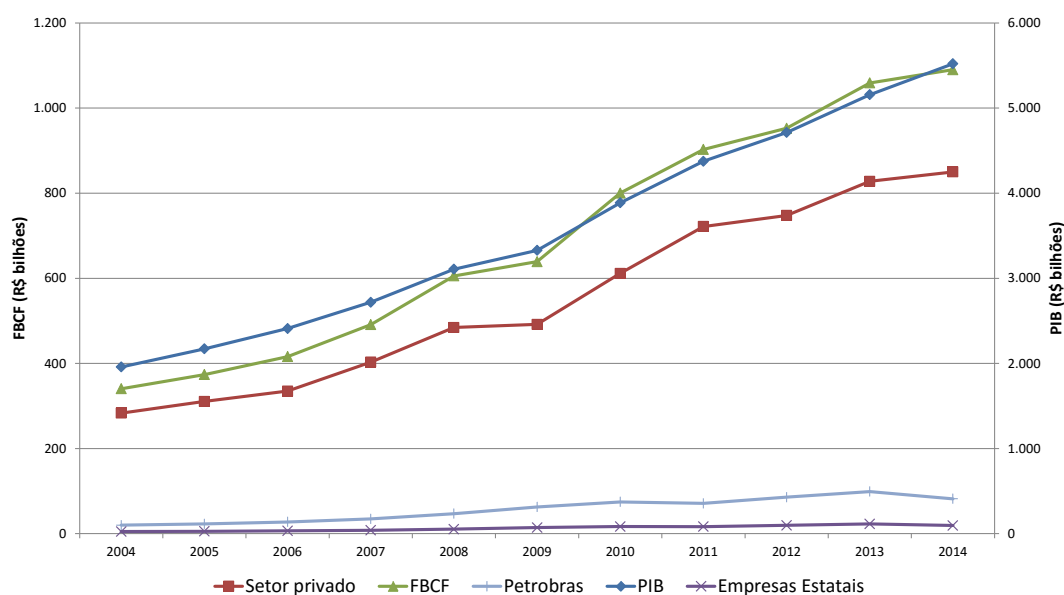
empresa se fortaleça novamente. A sua crise enfraquece o País, levando não somente ao desemprego e à deterioração da renda gerada pelas atividades produtivas da cadeia de valor da empresa,¹ mas também à fragilidade externa. Tanto porque a empresa é uma das maiores do mundo em seu setor – que vinha promovendo investimentos no exterior e fortalecendo a posição geopolítica do País em termos mundiais, quanto porque abala os projetos de exportação que incrementariam o ingresso de divisas no País – principalmente se o preço do barril voltasse a subir no médio e no longo prazos.

Não era difícil imaginar que o menor investimento da Petrobrás, em específico, causaria grande impacto na indústria brasileira e na economia como um todo. Como bem aponta Bruna Reis (2014), após ter sobrevivido ao processo de privatização dos anos noventa, a importância da estatal excede os interesses de seus acionistas e fornecedores, tendo se tornado motor da dinâmica de investimentos doméstica. A partir dos dados de Afonso e Fajardo (2015), infere-se que a empresa em 2013

chegou a ter um peso equivalente a 9,3% dos investimentos produtivos no País (formação bruta de capital fixo – FBCF), ou 1,92% do PIB. Isso em termos diretos, ou seja, sem contar quanto do restante do investimento foi induzido pelo do Grupo Petrobras. Durante a crise de 2009, o Grupo Petrobras respondeu por 9,8% da FBCF, o percentual máximo na série de desde 1994, revelando seu importante papel anticíclico. De modo geral, de 2004 a 2013, o grupo das empresas estatais

brasileiras (cujos dados são disponibilizados pelo Departamento de Coordenação e Governança das Empresas Estatais - DEST) bateu recorde ano após ano de investimentos, até atingir R\$ 113,7 bilhões em 2013 – sendo cerca de 87% correspondente à Petrobras. Tomando-se importância sobre o PIB, como mostra o Ministério da Fazenda, a proporção das estatais sobre o PIB saltou de 1,3% em 2004 para 2,2% em 2013.

Gráfico 1 – PIB e Formação Bruta de Capital Fixo Total do Setor Privado, das Empresas Estatais e da Petrobrás – 2004 a 2014 – em R\$ Bilhões



Fonte: Elaboração própria a partir de Afonso e Fajardo (2015).

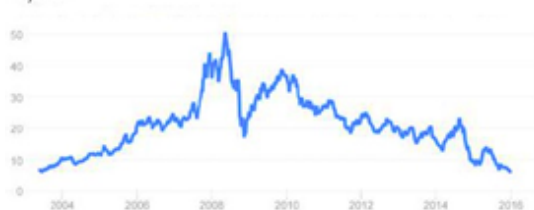
Os investimentos mais do que quadruplicaram entre 2004 e 2013; porém, em 2014 e 2015 o quadro se reverteu drasticamente. Ainda segundo Afonso e Fajardo (2015), em 2014 os investimentos das estatais caiu para R\$ 95 bilhões, sendo o correspondente ao Grupo Petrobras aproximadamente R\$ 82 bilhões. E em 2015, conforme anunciado em janeiro de 2016 na revisão do Plano de Negócios e Gestão (PNG), a projeção de investimentos é de somente US\$ 23 bilhões, o que em reais deve significar valor ao de 2014 por causa da desvalorização cambial. A estimativa de investimentos para 2016 é de investimentos totais de US\$ 20 bilhões, sendo que, no total, a inversão para o período 2015-2019, reduziu-se em 24,5% em relação ao inicialmente projetado, de US\$ 130,3 bilhões para US\$ 98,4 bilhões. Além disso, a companhia prevê desinvestimentos, com

projeção de venda de ativos em 2015-2016 de US\$ 15,1 bilhões – tendo sido US\$ 700 milhões em 2015.

Após a revisão mais pessimista das projeções anteriores neste início do ano ocorreu nova queda dos preços das ações da Petrobras PETR3 e PETR4, que alcançaram o valor mais baixo desde 2003, quando os investimentos da empresa eram pelo menos cinco vezes inferiores em relação aos do ano passado em reais, sem falar no faturamento e porte estrutural muito menores. Assim, a depressão nos mercados financeiros parece ter um componente especulativo importante, que convém aos interesses de uma minoria aplicadora nos mercados financeiros e também dos grupos sociais internos e externos que se beneficiam da recessão econômica nacional.

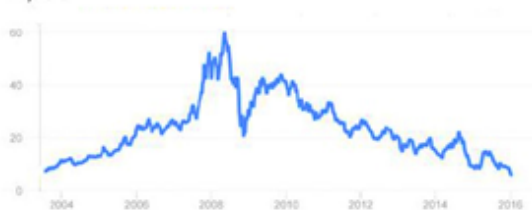
Petroleo Brasileiro SA Petrobras Preference
BVMF: PETR4 - 21 de jan 11:38 BRST

4,56



Petroleo Brasileiro SA Petrobras
BVMF: PETR3 - 21 de jan 11:43 BRST

6,09



Referências

AFONSO, José Roberto; FAJARDO, Bernardo. Evolução da taxa de investimentos e a indução pelo setor público. *Nota técnica IBRE/FGV*, Rio de Janeiro, abr. 2015.

CAMPOS NETO, C. A. S. Investimentos e financiamentos na indústria naval brasileira – 2000-2013. In: CAMPOS NETO; POMPERMAYER (orgs.) *Ressurgimento da indústria naval no Brasil (2000-2013)*. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2014.

FMI. *World Economic Outlook, January 2016*.

GODOY, D. Brazil Fund Manager Beating Peers Says Best Time to Buy in Years. *Bloomberg Business*, 25 ago. 2015.

PETROBRAS S.A. *Plano de Negócios e Gestão (PNG)*, jan. 2016.

REIS, B. S. *Os efeitos do investimento público sobre o investimento privado no Brasil recente: 1980-2013*. Trabalho de Conclusão de Curso, Bacharelado em Ciências Econômicas da UFABC, 2014.

1 Por exemplo, como argumenta Reis (2014) a partir de Campos Neto (2014), o impacto da Petrobras domesticamente chama a atenção na indústria naval brasileira. A atividade de produção de petróleo e gás *offshore*, juntamente com a decisão de contratar embarcações produzidas no Brasil com porcentagens crescentes de conteúdo local, propiciaram o crescimento de empregados com carteira assinada na indústria naval de 1,9 mil em 2000 para 71 mil em março de 2013.

(*) *Bacharel em Ciências Econômicas pela FEA-USP, mestre e doutora em Economia pelo IE-UFRJ, professora dos Bacharelados de Economia e de Relações Internacionais da UFABC, coordenadora do Grupo de Pesquisas de Cadeias Globais de Valor da UFABC. (E-mail: cristina.reis@ufabc.edu.br)*